

Língua portuguesa em festival no Rio

Olimpíada ainda está longe, mas cidade receberá pessoas de várias partes do mundo a partir de quinta-feira, com o Festlip, na rede Sesc

BEATRIZ MOTA
beatriz.mota@odianet.com.br

As Olimpíadas ainda estão longe, assim como a Copa. Mas, a partir de quinta-feira, o Rio recebe pessoas de diversas partes do mundo que falam a nossa língua em evento cultural gratuito, em vários pontos da cidade: o 3º Festlip — Festival de Teatro da Língua Portuguesa. Entre os países participantes, um chama a

atenção: Timor Leste.

Além do idioma sobrevivente, nomes e santos familiares, há muito pouco de Brasil em seu primo asiático de colonização portuguesa. Ainda tateando o desconhecido terreno da liberdade e em processo de reconstrução política e estrutural, o sofrido país desaprendeu a se expressar culturalmente. Mas a mensagem de SOS chegou por aqui e uma iniciativa carioca po-



de mudar o rumo da história.

Descobertos numa oficina realizada no Timor, em 2009, pela produtora Tânia Pires, os atores Milena da Silva e Waldo Luna vieram ao Brasil para o festival. Ele, brasileiro de 45 anos, há seis trabalhando como missionário; ela, tradutora timorense de 27 anos, são remanescentes de um diminuto movimento artístico local e, a partir do incentivo de Tânia, formaram o

VIVA VOZ

MILENA DA SILVA

atriz, 27 anos

“Quero me expressar e me opor à violência doméstica, drama do meu país. Há casos por todo lado”

grupo Arte Lorosae, que encenará ‘Saramau’ dias 16 e 23, no Sesc Tijuca. “Os timorenses não têm referência nenhuma em teatro. Vivem pós-guerra recente e a revolta é alavanca para interpretação”, diz a produtora.

Com formação autônoma — lá não há curso de interpretação —, Milena já foi protagonista de minissérie para a TV local e utiliza o teatro como manifestação social. “Quero me expressar e me opor à violência doméstica, drama do meu país. Na minha família nunca houve, mas há casos por todo lado. As mulheres são muito submissas”, diz Milena, casada com um americano e mãe de um menino de 5 anos.

Nascido no Recife, Waldo já morou no Rio e São Paulo, onde estudou teatro até se tornar missionário e se apaixonar pelo Timor Leste. “Os timorenses têm dom para arte, mas não recebem incentivo”, lamenta ele, que quer transformar essa realidade.

A história de Timor Leste, que faz sua primeira participação no evento

■ Este é o primeiro ano de participação do Timor Leste no Festlip (www.festlip.com), que também traz ao Rio grupos de teatro de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. A programação começa quinta-feira, com apresentações gratuitas de teatro nas unidades Sesc, oficinas, debates, exposição, shows e uma mostra gourmet. Escolas e grupos com mais de 10 pessoas podem fazer reservas pelo e-mail reservasfestlip@talu.com.br. Os espetáculos têm censura de 14 anos.

■ História: depois de 400 anos de colonização portuguesa, o Timor, na Ásia, foi invadido pela Indonésia em 1975. Uma política ditatorial resultou num longo massacre físico e cultural. Qualquer manifestação de cultura tinha que agradar o governo. Com referendo da ONU, o país declarou independência em 1999. No período, suspeitos de terem votado na independência foram mortos e a infra-estrutura do país, destruída. O primeiro presidente foi eleito em 2001. A situação ainda é tensa devido à intervenção militar de outros países.

FABIO GONÇALVES



Milena e Waldo: a atriz timorense e o missionário lutam pela cultura no Timor Leste e trazem peça ao Rio